

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES - escritor e ensaísta, fundador da ASL, Cadeira nº 11

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) já comemorou 50 anos. Lembrar a data de sua fundação, 30 de outubro de 1971, é motivo de júbilo e orgulho para todos os que amam este rincão abençoado do Oeste Brasileiro. Com efeito, ao longo destas décadas, cobriu-se de glória a nossa criteriosa Academia estadual, seja pela repercussão nacional de suas pautas culturais, seja pela produção literária de alto nível dos seus membros.

O embrião da entidade foi o vitorioso lançamento da consagrada obra de Ulysses Serra, “Camalotes e Guavirais”, no dia 13/10/1971, em Campo Grande, uma noite de autógrafos inesquecível, até então jamais vista no Estado. Dezesete dias depois, o confrade Ulysses, numa manhã cheia de sol e cânticos de pássaros, convidou o poeta Germano Barros de Souza, bem com o autor destas linhas de saudade, e seguimos todos para a Estância Gisele, a 10 km da cidade, na rodovia que demanda São Paulo.

Em seu livro “A Fascinante Natureza Humana”, o confrade Heliophar Serra lembra o dia do nascimento da nossa Academia, na beleza daquele ambiente bucólico. Ulysses serviu um lanche, com refrigerantes, tudo preparado por um atencioso caseiro. Quando o bate-papo literário já prosperara bastante, ele subiu num caixote e disse aos companheiros: “A Academia de Letras e História de Campo Grande está fundada”. Nascia, assim, o nosso areópago, à sombra do arvoredo, como no Jardim de Academos, na Grécia Antiga. Nessa histórica reunião, Ulysses Serra recitou versos de seu pai, o poeta Arnaldo Serra, autor do livro “Aromita”; Ger-



ASL, a representativa instituição literária e cultural de MS

“Ao longo de décadas, a ASL cobriu-se de glória, seja pela repercussão nacional de suas pautas culturais, seja pela produção literária de alto nível dos seus membros”

mano declamou poesias de seus vates preferidos, inclusive Júlio Salusse; eu me lembrei de Vicente de Carvalho e Augusto dos Anjos.

A instalação oficial da entidade deu-se em 13/10/1972, no saguão do Hotel Campo Grande, às 20 horas. Após a solenidade, houve um banquete no Rádio Clube (cidade). Nesta memorável noite, a saudade e a emoção tomavam conta de todos os co-

rações: Ulysses não estava presente. Falocera, no Rio de Janeiro, onde se achava em tratamento de saúde, em 30 de junho de 1972. Toda a cidade chorou-lhe a perda. A Câmara Municipal, com o esplendor de sua histórica dignidade, desde o Império Romano, velou-lhe o corpo, no saguão, onde os amigos e admiradores, em longa e silenciosa fila, foram levar ao honrado filho, não o último adeus, mas a certeza de que ele viverá eternamente em nossos corações.

A partir de sua fundação, a nossa Academia prosperou. Passaram a integrar-lhe o quadro ilustres figuras da vida literária. O nome Academia Sul-Mato-Grossense de Letras veio no final de 1978, com o advento do novo estado (Mato Grosso do Sul). A partir de sua criação, nossa Academia editou o *Suplemento Cultural*, no *Correio do Estado*, graças à gentileza e ao nobre espírito de seu proprietário, o confrade J. Barbosa Rodrigues, página publicada até hoje nas edições de sábado. Instituiu o Concurso de Contos Ulysses Serra, de grande repercussão. Criou as Edições Acadêmicas, para publicação de obras literárias de membros do sodalício; as Biografias de Patronos, escritas pelos ocupantes das cadeiras da instituição; os Discursos Acadêmicos, periodicamente publicados em livros, contendo as orações proferidas por ocasião da posse de cada acadêmico. Várias outras iniciativas foram levadas a cabo, como cursos de Arte Poética, Arte de Escrever e Arte do Conto.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras! Esta é a saudação dos simples, dos que trocam as riquezas materiais pelo aperfeiçoamento da cultura e enriquecimento do espírito. Não foi em vão o seu maravilhoso sonho, Ulysses. Sabemos, com nossa fé cristã, que você, das galerias da Eternidade, está participando de nossa alegria, nesta hora de comovente lembrança, a par do contentamento pela conservação e cultivo de seu sublime ideal. Sic itur ad astra, diziam os gloriosos romanos. Na verdade, assim se vai aos astros.

São Francisco de Assis

FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES (1915-2008) - pertenceu à ASL

Publicado originalmente em 2007

Francisco de Assis costumava saudar todo mundo com poucas palavras, que deixaram até o dia de hoje, para todos nós, um motivo de reflexão e de bem-estar: “Paz e bem!”. Aproximam-se os dias em que a Irmandade Franciscana do mundo inteiro celebra, com missa, reza, tríduos e novenas, o dia do nascimento (04/10/1182) do grande patriarca do século XII, São Francisco de Assis, proclamado pelo papa João Paulo II, em 1980, o “Padroeiro Celestial de todos os cultores da Ecologia”, título este que deve ser muito bem lembrado também neste ano de 2007, o Ano do Senhor.

No começo, o jovem Francisco andava no mundo junto aos demais jovens, procurando viver a sua vida; não se conformou, porém, com as ganâncias de alguns e nem com os desejos do seu pai, que procurava colocá-lo nas grandezas dos príncipes da época. Inspirado por Deus, mediante o Evangelho, o jovem Francisco vive a vida dos humildes, entre os pobres, a exemplo de Cristo e dos apóstolos. Renuncia a todos os bens e heranças do seu pai e vai pelas ruas de Assis dizendo: “O amor não é amado!”. Reúne um grupo de amigos e com eles forma um regulamento de vida totalmente entregue a Deus e ao serviço dos irmãos. O dedo de Deus está aí, e a irmandade que ele fundara cresceu, se multiplicou e, qual uma árvore frondosa, abriga, hoje, milhares de filhos que semeiam a Paz e o Bem no mundo inteiro.

São eles: os frades menores conventuais, os frades menores capuchinhos, a Ordem de Santa Clara, a Ordem Terceira Secular e Regular e, agora, entre jovens, a Jufra, isto é, juventude franciscana. E em Campo Grande, entre os demais grupos da Paróquia de Fátima, existe o grupo dos jovens “Gregoritos” e “Gregoritas”.

Francisco, pelo seu exemplo de humildade e de simplicidade, é vivido no coração dos homens de todas as épocas e encontra seguidores em toda parte. Ele sobrevive às gerações. Escritores ilustrados e filósofos de fama mundial colocam Francisco de Assis entre os homens mais santos do mundo. Vamos aos exemplos: Rainier Maria Rilke, escritor austríaco da língua alemã, falando de Francisco, disse: “Francisco é o único cristão perfeito que conheço, desde o tempo de Cristo”. O grande estadista e pensador indiano Gandhi enaltecia Francisco dizendo que: “Ele era o maior homem do mundo”. Marion von Galli escreveu o livro “O Futuro Vivo” e disse de Francisco que: “Era um outro Cristo que passou sobre a Terra fazendo o bem a todos”.

E porque Francisco ainda vive entre nós em espírito, as florestas e o universo todo, na concepção franciscana, são um imenso templo, onde ressoa a voz do Criador.

Leda e o cisne

RAQUEL NAVEIRA - poeta e cronista, Cadeira nº 8 da ASL

Leda é uma personagem da mitologia grega. Uma bela princesa que se casou com o rei de Esparta, Tíndaro. Depois da noite de núpcias, ela se atirou nua num lago. Sua pele de seda logo chamou a atenção de Júpiter, o insaciável e poderoso deus olímpico. Sabendo que a recém-casada, fiel ao esposo, jamais aceitaria amá-lo, ele se transformou num cisne sedutor. Deslizou sobre a superfície lisa, ave branca, uraniana, masculina. A cabeça e o bico moveram-se com arrogância, determinação, audácia. Avançou veloz em direção a ela. Havia nele uma luz, a força de um poeta, de um bardo nórdico cantando juras de amor. Era o próprio Desejo feito asa e pluma.

Quando Leda percebeu, ele já estava encostado, peito contra peito. Ela se ofereceu, tomada de susto e emoção. Pássaro e concha se fundiram, numa profusão de espuma. Algum tempo se passou e Leda, mulher/cisne, pôs dois ovos brilhantes, envoltos em sangue. Em cada ovo um imortal, filho do divino, e um humano, filho da Terra. Pólux e Helena, os filhos de Júpiter. Castor e Clitemnestra, filhos de Tíndaro. Das cascas quebradas, eles espavam o miserável planeta, em silêncio. Quantos artistas pintaram essa cena sensual! Leonardo da Vinci (1452-1519), Boucher (1703-1770), Corregio (1489-1534) e até Salvador Dali (1904-1989), com sua impressionante e surreal “Leda Atômica”.

William Butler Yeats (1865-1939), o poeta, dramaturgo e místico irlandês, prêmio Nobel de Literatura, escreveu um célebre poema intitulado “Leda e o Cisne”, que possui inúmeras traduções para o português. Nele descreve a fúria do cisne diante da moça indefesa. Um golpe, um baque, as asas adejando sobre a presa vacilante, acariciando as suas ancas, o bico puxando os cabelos trançados, segurando-a em seu seio de glória emplumada. Súbito, ele a penetra num rompante brutal. Deixa a jovem caída, abandonada e lânguida. Muitos comentaram que se tratava também de um poema político. Leda subjugada por um imenso

cisne representava a Irlanda dominada pela Inglaterra. O país independente não rompe facilmente os laços coloniais com o predador. As marcas, a fusão de corpos e culturas, são profundas. O ato do estupro acarreta consequências por gerações.

No comentado filme “A Filha Perdida”, drama psicológico e introspectivo, inspirado no livro da misteriosa escritora Ellen Ferrante, a protagonista, Leda, uma professora universitária, estuda o mito e o poema de Yeats. Leda, magistralmente interpretada por Olívia Colman na maturidade e por Jessy Buckley quando jovem, está passando as férias sozinha no litoral italiano. Ali ela conhece uma mãe com sua pequena filha. Esse encontro desencadeia memórias dolorosas em Leda, que, após se separar do marido, deixou as duas filhas com ele e partiu.

Estava apaixonada por um catedrático que a fascinara pela inteligência e conhecimento. Um cisne, um druida vestido de branco, que a arrebatara falando sobre Yeats. Ela não resistiu, sucumbiu, Leda que era. Com o marido e as filhas eram o sufoco, o cansaço físico, as pesadas responsabilidades domésticas. Com o amante/cisne estavam a liberdade, a fuga da gaiola, a essência de musa, a felicidade de ser quem se é, a aventura num mundo que julgava maravilhoso (como se o mundo tivesse algo de bom).

O filme incomoda, constringe. Leda é antipática, angustiada, demasiadamente falha. A maternidade é posta em xeque: os filhos podem representar demandas intermináveis, obstáculos para uma mãe exausta, com outros interesses intelectuais, artísticos e eróticos. Imaginamos a dor de seu marido e filhas. A rejeição humilhante, a raiva, o sentimento de abandono e menos-valia, o abismo, os traumas, os transtornos emocionais. Como recuperar a filha perdida? A boneca perdida? A infância roubada?

Como Leda, eu me banhava num lago. Veio um caçador e me surpreendeu. Apoderou-se de meu manto de plumas brancas. Casei-me com ele e dei-lhe filhos em partos com amor. Mas um dia, recuperei minha roupa com cisne e voarei ao céu.

+POESIAS

Chão vazio

No alto daquele morro
Havia uma casa.
Nela nasci, brinquei.
Distante dela cresci.

Hoje quis abraçá-la.
Chão vazio.

A casa?

Morreu de silêncio.

ILEIDES MULLER

Donos do amor

Não somos donos do amor
Não somos donos da vida
Não somos donos de nada.

Há mil amores perdidos
Há mil vidas feridas,
Há nada dentro de nada.

A vida segue sem leme
No oceano que flutua,
Singra vagando longe assaz.

E o poeta em sua fantasia
Sonha no amor todo o dia,
Na paz serena... na paz!

ELIZABETH FONSECA

História de amor

Quantas saudades da manhã da vida
Daqueles belos tempos já passados,
Quando nós dois, então, minha querida,
Ficamos desde logo enamorados.

Depois da jornada empreendida
Temos vivido bem recompensados,
Em alegria em dor sentida,
Unidos sempre e nunca separados.

Enquanto vem o entardecer chegando
Nossos filhos vão todos enfeitando
O nosso verso no altar do coração.

Até um dia ao fim da caminhada
O silêncio da morte na estrada
Fizer nossa final separação.

GERMANO BARROS DE SOUSA

Viagem

No espaço desta sala
imagino meu solo de música
e geometrias. Porei um selo
no pássaro e o projetarei
no infinito... meus erros virarão areia
no tempo da erosão, ficando
o silêncio apenas
o símil do engodo
pulando a barreira dos saos...
Na fumaça desta ave
haverá rastros de superson
misturados com milmês.

ORLANDO ANTUNES BATISTA

Haicais

A lua, todinha
De branco, no céu caminha
Como uma rainha.

O silêncio chegou,
Tropeçou e aqui caiu:
Tudo triste ficou.

Relâmpagos no céu:
Anjos que lutando brincam
Com espadas de luz.

J. BARBOSA RODRIGUES

Microtexto

Se pensarmos em todos os estágios
da cadeia alimentar
o carnívoro comendo o herbívoro
e o ser humano comendo os dois
Pergunto,
a quem alimentamos?

HUMBERTO ESPÍNDOLA